

O PAPEL ESTRATÉGICO DAS REDES COMUNITÁRIAS NO DESENVOLVIMENTO DE CIDADES INTELIGENTES E SUSTENTÁVEIS

ODS 11

Michele Kremer Sott, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Mariluzia Sott Bender, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
Kamila da Silva Baum (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS))

Resumo

O conceito de cidade inteligente e sustentável está profundamente ancorado na busca por uma melhor qualidade de vida para os cidadãos. Este conceito não se limita apenas ao uso de tecnologias avançadas, mas também envolve a integração de diferentes atores e a consideração das necessidades locais. Nesse contexto, as redes comunitárias desempenham um papel crucial na formulação e implementação de planos de ação voltados para resolver problemas específicos de cada localidade. As redes comunitárias proporcionam uma plataforma para a colaboração entre cidadãos, autoridades locais, empresas e instituições acadêmicas, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de soluções inovadoras e adaptadas às particularidades de cada comunidade. Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura para explorar o papel e o potencial das redes comunitárias na promoção e desenvolvimento de cidades inteligentes e sustentáveis. Os achados revelam que a colaboração entre os diversos setores da sociedade — incluindo comunidades locais, governos, empresas e universidades — é fundamental para transformar as ideias comunitárias em projetos concretos e viáveis. A cooperação entre esses atores permite uma abordagem mais holística e integrada dos desafios urbanos, resultando em soluções que são não apenas tecnicamente eficientes, mas também socialmente inclusivas. A cocriação de soluções é um aspecto central nesse processo, pois assegura que as respostas aos problemas urbanos sejam adaptadas às necessidades reais da população. Quando os membros da comunidade têm a oportunidade de participar ativamente na concepção e implementação de projetos, as soluções tendem a ser mais eficazes e sustentáveis. Além disso, a inclusão de grupos marginalizados e frequentemente excluídos dos processos de planejamento urbano garante que suas necessidades e perspectivas sejam consideradas, promovendo uma maior equidade social. O conhecimento gerado e compartilhado por meio das redes comunitárias pode, assim, contribuir para a criação de cidades mais inteligentes, sustentáveis e resilientes. Soluções desenvolvidas com a participação ativa das comunidades têm o potencial de ser mais inclusivas e eficazes, levando a um ambiente urbano que é tanto tecnologicamente avançado quanto socialmente justo. Em última análise, a integração das redes comunitárias no processo de desenvolvimento urbano pode ajudar a construir cidades mais sustentáveis e equitativas, promovendo uma qualidade de vida superior para todos os cidadãos.

Palavras-chave: Cidades Inteligentes; Cidades sustentáveis; Desenvolvimento urbano; Redes comunitárias; Participação Comunitária.

Introdução

Uma cidade inteligente é um conceito multifacetado que visa transformar o ambiente urbano com o objetivo de melhorar significativamente a qualidade de vida dos cidadãos e promover a sustentabilidade a longo prazo. Este conceito vai além do simples uso de tecnologias digitais emergentes e abrange uma abordagem integrada e inovadora para o desenvolvimento urbano. As cidades inteligentes buscam soluções que não apenas aproveitam as mais recentes inovações tecnológicas, mas também criam ambientes mais harmoniosos, inclusivos e funcionais para os residentes (Baum & Sott, 2023).

Além disso, a participação ativa dos cidadãos no processo de planejamento e na tomada de decisões é crucial. As cidades inteligentes e sustentáveis não são apenas sobre tecnologia, mas também sobre como as pessoas interagem com essa tecnologia e como elas são impactadas por ela. Portanto, a colaboração entre governos, empresas, universidades e comunidades é essencial para garantir que as soluções desenvolvidas sejam realmente adaptadas às necessidades da população e contribuam para um ambiente urbano mais equilibrado e funcional. Assim, o conceito de cidade inteligente e sustentável representa uma abordagem abrangente que integra a tecnologia com o objetivo de criar ambientes urbanos mais eficientes e sustentáveis, ao mesmo tempo em que promove a inclusão social e melhora a qualidade de vida dos cidadãos (Baum & Sott, 2023).

As cidades inteligentes são constituídas por várias dimensões que se inter-relacionam e contribuem para melhorar a qualidade de vida (Albino et al., 2015). Destacam-se as dimensões: economia, pessoas, infraestrutura urbana, organizações, inovação e tecnologia, meio ambiente e governança. A dimensão econômica, por exemplo, se beneficia de formas inovadoras de impulsionar o crescimento e criar oportunidades. A dimensão social é fundamental, pois o bem-estar dos cidadãos é priorizado através de uma gestão que considera suas necessidades e promove sua participação ativa na vida urbana. As organizações constituem uma dimensão que, por meio de eficiência e colaboração, pode auxiliar na proteção do meio ambiente por meio de práticas sustentáveis que minimizem o impacto ecológico. A dimensão de infraestrutura representa a base arquitetônica da cidade, que é aprimorada para garantir que os serviços sejam mais acessíveis e eficazes. A governança responde

pela boa gestão urbana e planejamento de soluções, enquanto o meio ambiente representa o meio natural que carece de preservação (Sott et al., 2023).

Por meio da adequada sinergia das dimensões urbanas, a cidade se torna um lugar mais seguro, confortável e adaptado às necessidades dos cidadãos, promovendo maior qualidade de vida, sustentabilidade e resiliência urbana. A tecnologia, nesse contexto, é um meio para alcançar esses fins, garantindo que as soluções implementadas realmente tragam benefícios tangíveis para a vida cotidiana dos residentes (Nam & Pardo, 2011).

Neste sentido, deve-se considerar que toda cidade é composta por uma vasta rede de comunidades, bairros e redes locais, cada uma com características e necessidades únicas. Essas áreas distintas, com suas particularidades culturais, sociais e econômicas, interagem constantemente entre si, criando um tecido urbano dinâmico e multifacetado. A interação entre esses diferentes componentes é crucial para o funcionamento de uma cidade, pois é por meio dessas conexões que surgem inovações, soluções e demandas específicas que precisam ser atendidas pela gestão pública (Baladrón, 2018).

Cada comunidade dentro de uma cidade possui suas próprias necessidades e desafios, que podem variar amplamente de uma região para outra. Essas diferenças geram uma demanda diversificada por soluções e serviços, que vão desde a gestão do tráfego e segurança até a oferta de serviços sociais e culturais (Becerra & Movilla, 2020). A gestão pública deve ser capaz de responder a essas demandas de maneira eficaz, garantindo que as soluções implementadas sejam adequadas para cada contexto específico e atendam às necessidades dos diversos grupos de cidadãos (Rueda, 2002).

Neste contexto e tomando como base as cidades inteligentes, espera-se que, para prosperar, uma cidade possua integração eficaz com suas redes comunitárias. A interação contínua entre as autoridades municipais e as comunidades locais permite uma compreensão mais profunda das necessidades e prioridades dos residentes, facilitando a criação de políticas e soluções que sejam realmente eficazes e relevantes. Essa abordagem colaborativa não só melhora a qualidade dos serviços oferecidos, mas também fortalece o tecido social da cidade, promovendo um senso de pertencimento e engajamento entre os cidadãos (Gemmi et al., 2023).

Portanto, uma cidade inteligente deve se empenhar em garantir a interação com suas redes comunitárias, reconhecendo e valorizando as características únicas de cada local. Ao fazer isso, a cidade pode criar soluções inclusivas e adaptáveis que atendam às demandas específicas de todos os seus residentes, promovendo um ambiente urbano mais coeso e sustentável (Paoloni et al., 2020).

Com este problema em mente, este estudo tem como objetivo discutir o papel e o potencial das redes comunitárias de impactar o desenvolvimento de cidades inteligentes. Para isso, este estudo segue os passos de uma revisão narrativa da literatura, por meio da qual discute de forma crítica-reflexiva o fenômeno das redes comunitárias em cidades inteligentes.

Método

Este estudo consiste em uma revisão narrativa da literatura. O método de revisão narrativa foi escolhido devido sua flexibilidade para permitir análises livres e de cunho crítico sobre determinado tema ou assunto.

Foram selecionados artigos das bases de dados Scopus e Web of Science para compor a análise, por se tratarem de duas das mais importantes bases indexadas com revistas de elevado fator de impacto no campo de estudo. A seguinte string de busca foi utilizada: ((*"Smart Cities"* or *"Sustainable Cities"* or *"Urban Development"*) and (*"Community Networks"* or *"Community Participation"*)). Foram considerados artigos e revisões publicados em inglês ou português.

Os resultados e discussões foram ancorados nos resultados dos estudos identificados, buscando analisar criticamente a relação entre a formação de comunidades urbanas e o desenvolvimento ou fortalecimento de cidades mais inteligentes e sustentáveis.

Resultados e Discussão

Comunidades no Centro: a Sinergia que Transforma Cidades

As redes e iniciativas comunitárias desempenham um papel crucial no desenvolvimento urbano. A participação ativa dos cidadãos e a co-criação de soluções urbanas, possibilitadas por essas redes, são elementos essenciais para garantir que as intervenções nas cidades sejam não apenas tecnicamente eficazes, mas também socialmente justas e adaptadas às necessidades específicas das comunidades. Quando moradores são envolvidos diretamente nos processos de tomada de decisão,

as soluções tendem a refletir melhor os desafios e aspirações locais, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade que é vital para a sustentabilidade de longo prazo (Fuchs, 2017; Lindskog, 2004).

No entanto, a importância dessas iniciativas não se restringe apenas à criação de soluções mais ajustadas às necessidades locais. Elas também desempenham um papel decisivo na promoção da inclusão social, permitindo que grupos marginalizados, muitas vezes excluídos dos processos tradicionais de planejamento urbano, tenham uma voz ativa. Isso é crucial em um contexto onde as tecnologias digitais, se não forem aplicadas com equidade, podem ampliar as desigualdades existentes. As redes comunitárias, ao facilitarem o acesso a recursos e informações, ajudam a evitar a exclusão digital e social, garantindo que os benefícios das cidades inteligentes sejam distribuídos de maneira mais justa (Hawken et al., 2023).

Além disso, as iniciativas comunitárias contribuem significativamente para a sustentabilidade e resiliência das cidades. Em tempos de crise, como desastres naturais, a coesão e a organização comunitária possibilitam uma mobilização rápida e eficiente, essencial para a recuperação urbana. As práticas sustentáveis promovidas por essas redes, como a economia circular e a agricultura urbana, também são fundamentais para a construção de um ambiente urbano mais sustentável e resiliente. No entanto, é preciso reconhecer que, sem um suporte adequado e a valorização institucional dessas redes, seu impacto pode ser limitado, reforçando a necessidade de políticas públicas que fortaleçam e ampliem essas iniciativas (Farooq et al., 2003; Webb et al., 2019).

A inovação e a adaptabilidade, outro ponto forte das iniciativas comunitárias, mostram como essas redes podem ser fontes de soluções criativas e eficazes para problemas urbanos complexos. A proximidade dos moradores com os desafios do dia a dia permite que eles desenvolvam abordagens inovadoras que podem ser mais eficazes e rápidas do que as soluções tradicionais. Contudo, é necessário criticar a tendência de alguns governos e empresas de subestimar essas iniciativas, tratando-as como complementares, quando na verdade elas deveriam estar no centro das estratégias de desenvolvimento urbano (Button & Partridge, 2009).

Por fim, a difusão de conhecimento e a capacitação promovidas pelas redes comunitárias são fundamentais para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para contribuir ativamente para a construção de uma cidade inteligente e

sustentável. No entanto, é importante que essa capacitação seja acompanhada de uma real descentralização do poder e dos recursos, de modo a evitar que as iniciativas comunitárias sejam apenas um paliativo para a falta de políticas públicas mais estruturadas e abrangentes (Chauncey & Simpson, 2020).

Assim, embora as redes e iniciativas comunitárias sejam essenciais para a promoção de cidades inteligentes e sustentáveis, é crucial que elas sejam fortalecidas e integradas de forma central às políticas urbanas, garantindo que suas contribuições sejam plenamente aproveitadas e que as cidades que aspiram ser inteligentes sejam, acima de tudo, inclusivas, equitativas e resilientes.

O Efeito Borboleta Das Redes Comunitárias

O conceito do efeito borboleta, quando aplicado às comunidades, descreve como pequenas ações locais podem desencadear grandes transformações no desenvolvimento de cidades inteligentes, sustentáveis, resilientes e inclusivas. Em uma cidade inteligente, as comunidades desempenham um papel fundamental ao identificar e abordar problemas locais com soluções inovadoras e adaptadas às suas necessidades específicas. Esse fenômeno é evidente quando iniciativas comunitárias, mesmo de pequena escala, têm um impacto significativo e positivo no ambiente urbano como um todo (Chauncey & Simpson, 2020).

O desenvolvimento da inteligência urbana deveria ser iniciado nas comunidades, onde os residentes têm uma compreensão mais profunda dos desafios locais e das oportunidades de melhoria (Anderson & Neal, 2021). As comunidades interagem de várias maneiras, desde reuniões de bairro e fóruns comunitários até plataformas digitais, para identificar problemas e desenvolver planos de ação. Essas interações são essenciais para criar soluções que são não apenas inovadoras, mas também adequadas e aplicáveis ao contexto local. A abordagem de inovação frugal, que foca em soluções simples e de baixo custo, frequentemente emerge dessas interações, permitindo que comunidades resolvam problemas complexos de maneira eficaz e acessível (Hawken et al., 2023).

Além de seu conhecimento local, as comunidades são capazes de criar soluções que refletem a diversidade de suas necessidades e aspirações. Elas desenvolvem planos de ação que muitas vezes incluem práticas sustentáveis, como iniciativas de reciclagem e hortas comunitárias, e estratégias para aumentar a

resiliência, como redes de apoio em casos de emergência. Essas soluções são moldadas pela experiência prática dos residentes e têm o potencial de inspirar mudanças maiores em toda a cidade (Albert & Fetzer, 2005).

A interação com a governança pública e organizações é crucial para maximizar o impacto das iniciativas comunitárias. A colaboração entre governos locais, organizações não governamentais e empresas ajuda a garantir que as soluções desenvolvidas a nível comunitário sejam escaláveis e integradas nas políticas urbanas. A governança pública deve ouvir e considerar as contribuições das comunidades para criar políticas que reflitam suas necessidades e apoiem suas iniciativas. Por sua vez, as organizações podem fornecer recursos, apoio técnico e expertise para ajudar a transformar as ideias comunitárias em realidades concretas (Anderson & Neal, 2021).

Diferentes atores desempenham papéis variados no processo. Líderes comunitários podem ser agentes de mudança ao fomentar a participação ativa e mobilizar recursos locais. Organizações podem atuar como facilitadores, oferecendo suporte técnico e financeiro. O governo local tem o papel de integrar essas soluções nas políticas urbanas e garantir a implementação eficaz. Juntos, esses atores formam uma rede colaborativa que potencializa o efeito borboleta das comunidades, levando a um desenvolvimento urbano inteligente, mas também sustentável, resiliente e inclusivo (Sott et al., 2021).

Apesar das inúmeras vantagens percebidas, deve-se ter em mente que o efeito borboleta das comunidades no desenvolvimento de cidades inteligentes pode ser amplamente impactado pela resistência de governantes em aceitar opiniões e propostas locais. Muitas vezes, a administração pública pode ser relutante em incorporar ideias comunitárias devido a uma falta de confiança nas soluções propostas ou a uma percepção de que as contribuições locais não são suficientemente embasadas. Essa resistência pode atrasar ou até mesmo impedir a implementação de soluções inovadoras que surgem nas comunidades. Portanto, é crucial que haja um diálogo aberto e construtivo entre as comunidades e os governantes para superar essas barreiras e integrar efetivamente as ideias locais (Goodman et al., 2020).

Além disso, para que as ideias comunitárias se tornem realidades viáveis, elas devem ser ancoradas por análises técnicas e profissionais. A colaboração com especialistas é fundamental para avaliar a viabilidade das propostas, garantindo que

sejam práticas e eficazes dentro do contexto urbano mais amplo. Profissionais técnicos podem ajudar a refinar as soluções propostas, fornecer orientações sobre aspectos técnicos e regulatórios, e assegurar que as soluções sejam escaláveis e sustentáveis. Esse processo de validação técnica aumenta a aceitação das propostas pela administração pública e ajuda a garantir que as soluções atendam às necessidades reais da comunidade (Aurigi, 2024).

Instigar a comunidade a participar ativamente de projetos públicos e na co-criação de soluções exige uma abordagem estratégica. Uma maneira eficaz de engajar os cidadãos é por meio de iniciativas que promovam a educação e a conscientização sobre a importância da participação cívica (Aurigi, 2024). Workshops, fóruns comunitários e plataformas digitais interativas são ferramentas que podem ser usadas para facilitar o envolvimento dos residentes. Além disso, criar incentivos e oportunidades para que os cidadãos vejam os resultados tangíveis de suas contribuições pode aumentar a motivação e o engajamento. É essencial que as comunidades vejam o impacto direto de suas ações para que continuem a se envolver e a colaborar (Baum & Sott, 2023).

A cocriação de soluções é vital para o sucesso das cidades inteligentes porque promove uma abordagem inclusiva e colaborativa para a resolução de problemas. Quando cidadãos, governantes e especialistas (empresas e universidades) trabalham juntos para desenvolver soluções, as chances de sucesso aumentam, pois as soluções são mais bem ajustadas às necessidades e realidades locais (Van der Graaf et al., 2021).

Assim, para que o efeito borboleta das comunidades possa realmente transformar o desenvolvimento das cidades, é essencial superar a resistência à participação comunitária, validar as propostas com suporte técnico e fomentar uma cultura de co-criação. Esse processo integrado garante que as soluções não apenas atendam às necessidades locais, mas também sejam implementadas de maneira eficaz e sustentável, resultando em cidades mais inteligentes, inclusivas e resilientes (Chauncey & Simpson, 2020).

Viabilização De Redes Comunitárias

Para viabilizar a criação de projetos comunitários em colaboração com o governo e organizações, é fundamental adotar uma série de medidas que facilitem a

interação e promovam uma cooperação eficaz. Uma abordagem estratégica para essa colaboração pode garantir que as iniciativas comunitárias sejam bem-sucedidas e sustentáveis, beneficiando todas as partes envolvidas (Anthony, 2024).

Primeiramente, é essencial estabelecer canais de comunicação claros e acessíveis entre comunidades, governo, empresas e instituições de ensino. Isso pode ser feito por meio da criação de plataformas digitais que permitam a troca de ideias e o acompanhamento de projetos em tempo real. Fóruns online, reuniões virtuais e grupos de discussão podem facilitar o diálogo contínuo e permitir que todos os envolvidos compartilhem suas opiniões e atualizações sobre o andamento dos projetos. A transparência e a comunicação aberta ajudam a construir confiança e garantir que as necessidades e expectativas de cada parte sejam compreendidas e atendidas (Van der Graaf et al., 2021).

Outra medida importante é a implementação de mecanismos de feedback que permitam às comunidades e às partes interessadas fornecerem input contínuo sobre os projetos. Isso pode incluir pesquisas de opinião, consultas públicas e painéis de revisão que permitam a avaliação das propostas e ajustes conforme necessário. A avaliação regular garante que os projetos estejam alinhados com as necessidades reais dos cidadãos e que quaisquer problemas sejam identificados e resolvidos de forma proativa (Aurigi, 2024; Sott et al., 2023).

A formação de parcerias estratégicas entre governos, organizações e comunidades também é crucial. Essas parcerias podem ser facilitadas por meio de acordos formais e memorandos de entendimento que estabeleçam claramente os papéis, responsabilidades e recursos de cada parte. A colaboração pode ser enriquecida por meio de programas de capacitação que preparem os líderes comunitários para trabalhar eficazmente com entidades governamentais e organizações, fornecendo-lhes as habilidades necessárias para gerenciar projetos e negociar acordos (Albert & Fetzer, 2005; Van der Graaf et al., 2021).

Além disso, a criação de fundos e incentivos específicos para projetos comunitários pode ajudar a viabilizar iniciativas locais. Governos e organizações podem colaborar para disponibilizar financiamentos, subsídios ou recursos técnicos que apoiem o desenvolvimento e a implementação de projetos comunitários. Esses incentivos podem ajudar a superar barreiras financeiras e fornecer o suporte necessário para transformar ideias em ações concretas.

Por último, é importante promover a co-criação de soluções, onde as comunidades, o governo e as organizações trabalhem juntos desde o início do processo. A co-criação pode ser facilitada através de workshops colaborativos, hackathons e eventos de planejamento participativo que envolvam todos os atores relevantes na formulação de soluções. Esse processo colaborativo assegura que as soluções sejam desenvolvidas com base nas contribuições e perspectivas de todos os envolvidos, resultando em projetos mais integrados e eficazes (Van der Graaf et al., 2021; Anthony, 2024).

Essas medidas ajudam a estabelecer um ambiente de colaboração produtivo, onde as iniciativas comunitárias podem ser desenvolvidas e implementadas com o apoio necessário do governo e das organizações. A interação facilitada e a cooperação entre todos os atores urbanos garantem que os projetos comunitários sejam bem-sucedidos e atendam de forma eficiente às necessidades e objetivos urbanos.

Considerações finais

Este estudo de cunho crítico-reflexivo, discutiu o papel das redes comunitárias no desenvolvimento de cidades mais inteligentes, sustentáveis, resilientes e inclusivas. Os achados evidenciam que ações locais são frequentemente mais assertivas do que projetos globais, uma vez que os cidadãos das comunidades costumam conhecer melhor os problemas da região, se comparados aos gestores públicos. Assim, quando um projeto é co-criado entre cidadãos, organizações, universidades e governo, são aumentadas as chances de soluções mais eficazes.

Apesar das vantagens, inúmeras barreiras podem prejudicar as interrelações entre os atores urbanos, principalmente no que tange a resistência dos gestores públicos e planejadores urbanos de ouvirem as propostas de soluções da população. A falta de engajamento público também pode prejudicar o número de cidadãos participantes das ações de co-criação.

Este estudo possui limitações no que tange ao método de pesquisa empregado. Para aprofundar a compreensão do papel das comunidades no desenvolvimento de cidades inteligentes, estudos futuros podem se concentrar na análise da eficácia de diferentes modelos de co-criação comunitária em contextos urbanos variados. Investigar como essas práticas são adaptadas e implementadas

em diferentes cidades pode revelar quais abordagens são mais eficazes para promover a participação ativa dos cidadãos e gerar soluções inovadoras e sustentáveis. Além disso, a avaliação do impacto real dessas iniciativas, em termos de melhoria da qualidade de vida e eficiência dos serviços urbanos, seria crucial para entender o potencial das soluções comunitárias.

Outra área promissora de pesquisa é a exploração da integração das perspectivas comunitárias nas políticas públicas e a análise dos desafios e oportunidades associadas a essa colaboração. Estudar como a participação das comunidades pode ser efetivamente incorporada na formulação de políticas e como superar as barreiras que impedem essa interação pode oferecer insights valiosos para fortalecer a governança participativa. Esse conhecimento pode ajudar a criar modelos mais inclusivos e eficazes de governança, melhorando a colaboração entre o setor público, as organizações e as comunidades, e, conseqüentemente, promovendo o desenvolvimento sustentável, inteligente, resiliente e inclusivo das cidades.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALBERT, S. R.; FETZER, R. C. Smart community networks: self-directed team effectiveness in action. *Team Performance Management: An International Journal*, v. 11, n. 5/6, p. 144-156, 2005.

ALBINO, V.; BERARDI, U.; DANGELICO, R. M. Smart cities: Definitions, dimensions, performance, and initiatives. *Journal of Urban Technology*, v. 22, n. 1, p. 3-21, 2015.

ANDERSON, K. F.; NEAL, Z. P. Cities and networks. In: *Companion to Urban and Regional Studies*. p. 311-328, 2021.

ANTHONY JR, B. The role of community engagement in urban innovation towards the co-creation of smart sustainable cities. *Journal of the Knowledge Economy*, v. 15, n. 1, p. 1592-1624, 2024.

AURIGI, A. Can Neighbourhoods Save the Smart City?. *Built Environment*, v. 50, n. 1, p. 152-167, 2024.

BALADRÓN, M. Redes comunitarias: acceso a internet desde los actores locales. *Hipertextos*, v. 6, n. 9, p. 65-98, 2018.

BAUM, K. S.; SOTT, M. K. Explorando o papel das cidades inteligentes na mitigação da pobreza. *REVES - Revista Relações Sociais*, v. 6, n. 2, p. 16711-01e, 2023.

BECERRA, F. N. P.; MOVILLA, E. E. A. Redes comunitarias y de soporte social como recurso para el cuidado y el mantenimiento de la salud. *Salud & Sociedad Uptc*, v. 5, n. 1, p. 33-43, 2020.

BUTTON, A.; PARTRIDGE, H. Community networks today: Analysing new media for local social networking and community engagement. In: *Communities in Action: Papers in Community Informatics*. p. 42, 2009.

CHAUNCEY, S. A.; SIMPSON, G. I. The role of learning city “smart teams” in promoting, supporting, and extending the community school model. In: *HCI International 2020–Late Breaking Papers: Cognition, Learning and Games: 22nd HCI International Conference, HCII 2020, Copenhagen, Denmark, July 19–24, 2020, Proceedings 22*. p. 326-344. Springer International Publishing, 2020.

FAROOQ, U.; CARROLL, J. M.; KAVANAUGH, A. Mobilizing community networks. Center for Human-Computer Interaction, Department of Computer Science, Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech), umocec, 2003.

FUCHS, C. Sustainability and community networks. *Telematics and Informatics*, v. 34, n. 2, p. 628-639, 2017.

GEMMI, G.; CERDÀ-ALABERN, L.; NAVARRO, L.; MACCARI, L. Toward smart community networks. *IEEE Network*, v. 37, n. 2, p. 128-134, 2023.

GOODMAN, N.; ZWICK, A.; SPICER, Z.; CARLSEN, N. Public engagement in smart city development: Lessons from communities in Canada's Smart City Challenge. *The Canadian Geographer/Le Géographe canadien*, v. 64, n. 3, p. 416-432, 2020.

HAWKEN, S.; SUNINDIJO, R. Y.; SANDERSON, D. The critical role of community networks in building everyday resilience—Insights from the urban villages of Surabaya. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, v. 98, p. 104090, 2023.

LINDSKOG, H. Smart communities initiatives. In: *Proceedings of the 3rd ISOneWorld Conference*, v. 16, n. 1, p. 14-16, April 2004.

NAM, T.; PARDO, T. A. Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people, and institutions. In: *Proceedings of the 12th annual international digital government research conference: digital government innovation in challenging times*. p. 282-291, June 2011.

PAOLONI, G.; TORRICE, S.; MELONI, C.; ANNUNZIATO, M.; FULCHERI, M.; ORSUCCI, F. F. Smart Communities: Social Capital And Psycho-Social Factors In Smart Cities. *Chaos and Complexity Letters*, v. 14, n. 2, p. 71-87, 2020.

RUEDA, N. M. De los sujetos a los contextos: Perspectivas en la creación de Redes comunitarias de apoyo. *Revista de Educación Especial*, n. 31, p. 7-28, 2002.

SOTT, M. K.; MAINES, L.; FACCIN, F. A widespread review of smart cities: identifying dimensions and core components. In: *IAMOT Conference 2023 - International Association for Management of Technology*. 2023.

VAN DER GRAAF, S.; NGUYEN LONG, L. A.; VEECKMAN, C. Co-creation and smart cities: Looking beyond technology. Emerald Publishing Limited, 2021.

WEBB, R.; AVRAM, G.; GARCÍA, J. B.; JOYCE, A. Transforming cities by designing with communities. In: *The Hackable City: Digital Media and Collaborative City-Making in the Network Society*. p. 95-117, 2019.